

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO CAPÍTULO GERAL
DA ORDEM CISTERCIENSE**

*Sala Clementina
Segunda-feira, 17 de outubro de 2022*

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos a todos!

Agradeço ao Abade-Geral as suas palavras de introdução — com os melhores votos pela renovação do seu cargo — e saúdo todos vós que participais no Capítulo Geral da Ordem Cisterciense da Comum Observância.

Este adjetivo “comum” faz pensar. Sabemos que se destina a distinguir de uma observância “especial”. Mas *comum* tem sempre um sentido mais rico, indicando o *todo*, a *comunhão*. E apraz-me começar por isto, por esta realidade fundamental que nos constitui como Igreja, graças ao dom do Deus Uno e Trino e ao nosso estar em Cristo. Comunidade, comum.

Por conseguinte, *comum observância*, como um *caminhar juntos* atrás do Senhor Jesus, para estar com Ele, escutá-lo, “observá-lo” ... Observar Jesus. Como uma criança que observa o pai, ou o melhor amigo. Observar o Senhor: o seu modo de fazer, o seu rosto, cheio de amor e paz, por vezes indignado face à hipocrisia e ao fechamento, e também perturbado e angustiado na hora da paixão. E este observar fazei-o em conjunto, não individualmente, fazei-o em comunidade. Fazei-o cada um com o próprio ritmo, certamente, cada um com a própria história única e irrepetível, mas juntos. Como os Doze, que estavam sempre com Jesus e caminhavam com Ele. Não foram eles que se escolheram, foi Ele que os escolheu. Não era sempre fácil estar de acordo: eram diferentes uns dos outros, cada um com as suas “arestas”, e o seu orgulho. Também nós somos assim, e também para nós não é simples caminharmos juntos em comunhão. No entanto, nunca deixa de nos surpreender e de nos dar alegria este dom que recebemos: ser a sua comunidade, como somos, não perfeitos, não uniformes, não, não assim, mas convocados, concernidos, chamados a estar e caminhar juntos atrás d’Ele, nosso Mestre e Senhor.

Irmãos e irmãs, esta é a base de tudo. Agradeço-vos por enfatizardes isto e encorajo-vos a reacender o vosso desejo e a vossa vontade por esta comum observância de Cristo.

Ela implica um compromisso constante de conversão de um *eu fechado* para um *eu aberto*, de um coração egocêntrico para um coração que *sai* de si mesmo e *vai ao encontro* do outro. E isto, por analogia, aplica-se também à *comunidade*: de uma comunidade *autorreferencial* para uma comunidade extrovertida, no bom sentido da palavra, acolhedora e missionária. É o movimento que o Espírito Santo procura sempre imprimir à Igreja, trabalhando em cada um dos seus membros e em cada uma das suas comunidades e instituições. Um movimento que remonta ao Pentecostes, o “batismo” da Igreja.

O mesmo Espírito despertou e ainda desperta uma grande variedade de carismas e formas de vida, uma grande “sinfonia”. As formas são muitas, muito diferentes umas das outras, mas para fazerem parte da sinfonia eclesial devem obedecer a este movimento de saída. Não uma saída caótica, sem ordem alguma: uma saída conjunta, todos sintonizados no único coração da Igreja que é o amor, como afirma com muito entusiasmo Santa Teresa do Menino Jesus. Não há comunhão sem conversão, por conseguinte, ela é necessariamente fruto da Cruz de Cristo e da ação do Espírito, tanto nos indivíduos como na comunidade.

Voltando à imagem — ou melhor, ao som — da sinfonia, propondes-vos abraçar o grande alcance missionário da Igreja, valorizando também a complementaridade entre *masculino* e *feminino*, bem como a *diversidade cultural* entre os membros asiáticos, africanos, latino-americanos, norte-americanos e europeus. Encorajo-vos neste caminho, que não é fácil, mas que sem dúvida pode ser uma riqueza para as comunidades e para a Ordem.

Agradeço-vos o compromisso com que colaborais no esforço que toda a Igreja faz neste sentido em cada Comunidade particular: hoje, a experiência de encontrar a diversidade é um sinal dos tempos. A vossa é uma contribuição preciosa, particularmente rica, pois devido à vossa vocação contemplativa, não vos contentais em pôr em comum as diversidades a um nível superficial, mas também as viveis a nível de interioridade, de oração e de diálogo espiritual. E isto enriquece a “sinfonia” com ressonâncias mais profundas e mais generativas.

Outro aspeto para o qual gostaria de vos encorajar é o vosso propósito de uma maior *pobreza*, tanto de espírito como de bens, para estar mais disponíveis ao Senhor, com todas as vossas forças, fragilidades e florescimentos que Ele vos conceder. Portanto, louvemos a Deus por tudo, pela velhice e pela juventude, pela enfermidade e pela boa saúde, pelas comunidades que estão no “outono” e pelas que se encontram na “primavera”. O essencial é não deixar que o maligno roube a nossa esperança! A primeira coisa que o maligno procura é roubar a esperança, assim tira-a das nossas mãos, sempre. Porque a pobreza evangélica está cheia de esperança, fundada nas bem-aventuranças que o Senhor anuncia aos seus discípulos: «Bem-aventurados sois vós, pobres, porque vosso é o reino de Deus» (Lc 6, 20).

Prezados irmãos e irmãs, obrigado por esta visita! Que a Virgem Maria vos acompanhe e ampare sempre no vosso caminho. De coração abençoo a vós e a todas as vossas comunidades. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!